

# A eclética Belo Horizonte

Carlos Antônio Leite Brandão



**A casaca do arlequim:**  
**Belo Horizonte,**  
**uma capital eclética**  
**do século XIX**  
 Heliana Angotti-Salgueiro  
 Edusp/UFMG  
 608 páginas  
 R\$ 100,00

**P**recedida pela edição francesa de 1997 e pela tese de doutorado que lhe deu origem e foi considerada a melhor de 1992 pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, chega-nos a edição em português de *A casaca do arlequim*, um dos melhores estudos já feitos sobre a fundação de Belo Horizonte, sobre a arquitetura e a cidade ecléticas e sobre a cultura do final do século XIX. Em síntese, uma lição de historiografia da arquitetura, da cidade e da arte.

No começo dessa edição, Heliana Angotti-Salgueiro revê e atualiza seus estudos anteriores e reafirma o seu objetivo: articular os atores e suas ideias, as formas produzidas, as representações e as práticas desenvolvidas em torno da criação da capital mineira, um caso “exemplar de transferência, transformação e apropriação” da arquitetura eclética europeia e a expressão simbólica de um novo começo republicano e “moderno” do país. A primeira parte do livro gira em torno de Aarão Reis (1853-1936), o engenheiro que presidiu a Comissão Construtora da cidade. A segunda é dedicada a José de Magalhães (1851-1899), principal responsável pela arquitetura da nova capital, e a terceira parte estuda os “práticos”, como os mestres de obras sem diploma, para os quais o contexto social e o “gosto” local destinaram a maior parte das construções privadas. Nessas construções o ecletismo ostenta o seu vigor, a sua insurgência diante da gramática clássica e do academicismo dos seus críticos e a sua virtude “dessacralizadora”. Nelas, verifica-se como os sistemas de referência tradicionais são descosturados, como os elementos clássicos são apropriados e justapostos aos pré-fabricados e como a arquitetura é redirecionada para outras lógicas que não as estipuladas pelas rígidas regras puramente “artísticas”. Aí, por exemplo, o ornamento adquire um estatuto central, e não acessório. Concluindo a obra, a autora decide “entrar” em cena – ou seja, “vendo aquilo que se olha” – e fazer, como um *flâneur*, um passeio imaginário “dentro” da paisagem urbana de Belo Horizonte na virada daquele século: a historiadora vive o seu objeto, insere-se nele e é transformada por ele.

Ao longo do livro, Heliana recorta em pedaços o tecido da história do século XIX, da França, do

Brasil e de Minas, compara-os entre si e com o contexto e passa a confeccionar, com múltiplos fios temáticos, uma “casaca de arlequim” – expressão retirada da crítica do arquiteto e engenheiro francês Paul Planat (1839-1911), perfeitamente ajustada para compreender-se os intercâmbios e as apropriações culturais e mentais que estão na gênese e no espírito do ecletismo e de Belo Horizonte. Quem ler esse livro respirará o “ar desses tempos”. Apoiada em fontes da época e comentadores de diversas matrizes, em notas técnicas preciosas, a historiadora recompõe um mosaico rigoroso que nos permite ver além dos preconceitos e vícios que os modernistas lançaram sobre esse período. Filiando-se ao movimento historiográfico que vem reabilitando o ecletismo nos últimos 50 anos, a autora prova a fecundidade, a liberdade e a importância que o ecletismo teve para aerar a mentalidade arquitetônica. Ao final do livro, compreende-se como esse estilo era tanto “moderno” quanto “protomodernista”. Ele não só preparou o terreno e lançou as fundações para a arquitetura do século XX quanto se conectou com o que foi engendrado pelos séculos XV e XVI, com o *ensueño* barroco e com a “complexidade e contradição” do pós-modernismo e do desconstrutivismo recentes.

*A casaca do arlequim* mostra-nos como naquele período histórico já estavam presentes e em processo de amadurecimento pesquisas que atribuímos geralmente apenas aos modernistas, tais como sobre a relação entre arte, técnica e indústria, entre a forma e a função, entre a “máscara” e a “verdade” da obra, entre o passado e o presente, entre o nacionalismo e o cosmopolitismo. A própria consciência crítica do moderno e a desmistificação da composição e da síntese arquitetônicas colocada pelos pós-modernistas já eram debatidas no ecletismo e patenteadas nos desregramentos e justaposições da sua arquitetura doméstica e civil.

Ao traduzi-lo para o português e providenciar os ajustes necessários, Heliana Angotti-Salgueiro brinda-nos com uma obra destinada a tornar-se referência obrigatória.

Carlos Antônio Leite Brandão é professor da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e autor de *Arquitetura, humanismo e República: A atualidade do De re aedificatoria* (UFMG, 2016).